

Entrevista com Fatima Antunes: da várzea, para a fábrica, até Nelson Rodrigues

Interview with Fatima Antunes: from the floodplain to the factory, to Nelson Rodrigues

Calebe Silva de Carvalho

Universidade de Brasília, Brasil

Brasília, DF

calebe.carvalho@aluno.unb.br

<https://orcid.org/0009-0007-4311-4365>

Fatima Martin Rodrigues Ferreira Antunes

Universidade de São Paulo, Brasil

São Paulo, SP

fatima.mrfantunes@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0008-6691-838X>

Recebido em: 10 de março de 2025

Aceito em: 12 de janeiro de 2026

Resumo:

A presente entrevista aborda a trajetória da socióloga e pesquisadora Fatima Martin Rodrigues Ferreira Antunes, que atua no Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Fatima é bacharel em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP); na mesma universidade obteve o título de mestre e doutora em sociologia. Com um interesse de longa data pelo futebol, seus estudos se concentram na sociologia da cultura. Realizada através de uma plataforma de vídeo, essa entrevista abordou não somente a trajetória de Fatima enquanto pesquisadora, mas também certos temas que ajudam a entender como o futebol pode ser entendido como um tipo de patrimônio cultural imaterial.

Palavras-chave: Futebol. Patrimônio. Cultura Popular. Várzea. Fábrica.

Abstract:

This interview explores the career path of sociologist and researcher Fatima Martin Rodrigues Ferreira Antunes, who works in the Historical Heritage Department of the Municipal Secretariat of Culture of São Paulo. Fatima holds a bachelor's degree in Social Sciences from the University of São Paulo (USP); she also obtained her master's and doctoral degrees in sociology from the same university. With a long-standing interest in football, her studies focus on the sociology of culture. Conducted via a video platform, this interview addressed not only Fatima's trajectory as a researcher, but also certain themes that help to understand how football can be understood as a type of intangible cultural heritage.

Keywords: Football. Heritage. Popular Culture. Amateur football fields. Factory.

Introdução

Algumas obras e pesquisas foram fundamentais para o processo de consolidação de um campo acadêmico nas Ciências Sociais dedicado a compreender o universo esportivo brasileiro. A trajetória de Fatima Martin Rodrigues Ferreira Antunes, mestre e doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo, é um ótimo exemplo da presença pioneira de pesquisadoras mulheres nos estudos sobre futebol no Brasil. Em 1992, Fatima defendeu a dissertação de mestrado “Futebol de fábrica em São Paulo”, e em 2004 publicou o livro “Com brasileiro, não há quem possa! Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues” (Ed.Unesp), com base em sua tese de doutorado.

A pesquisa de mestrado teve como tema central o futebol na cidade de São Paulo. Inicialmente, Fatima queria abordar o futebol na várzea, mas, por conta de limitações empíricas e de acesso a acervos, a análise de seu trabalho se centrou nas relações que os trabalhadores das fábricas tinham com o esporte. No doutorado buscou unir duas paixões: futebol e literatura. A tese trabalhou a questão da identidade nacional para entender como esse esporte desperta nas pessoas seu nacionalismo e o patriotismo. Atualmente, Fatima é socióloga vinculada ao Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, trabalhando com diversas questões relacionadas ao campo do patrimônio, inclusive relacionadas ao futebol, tema que continua a mobilizar sua atuação e inspirar novas reflexões.

Ao longo desta entrevista, realizada de forma virtual, Fatima fala sobre sua formação, sobre o processo de escrita na dissertação de mestrado, sobre a tese de doutorado, de seu trabalho com o tema do patrimônio e, por fim, tece algumas reflexões sobre os desafios e perspectivas para novos pesquisadores que desejam pesquisar sobre o universo esportivo.

Fatima, agradeço a disponibilidade em realizar a entrevista. Para começar, conte um pouco sobre a sua formação e o que te motivou a fazer graduação em Ciências Sociais na USP.

Quando eu estava no ensino médio, fui pensando no que eu faria na universidade e, naquele momento, me identificava com a História, gostava muito das aulas, de tudo que se relacionava com o curso e aí pensei: “vou fazer História”. No final do ensino médio prestei o vestibular para FUVEST, mas eu tinha uma formação muito ruim em Química e tirei zero na prova da segunda fase (risos). Naquela época não podia zerar. Não me restou outra alternativa a não ser fazer cursinho para tentar entrar no ano seguinte. No cursinho conheci um professor de História que era formado em Ciências Sociais, fiquei curiosa e interessada, perguntava sobre como era o curso, comecei a ler outras coisas relacionadas a cultura de modo geral. Na escola, durante o ensino médio, tinha aula de Sociologia, mas o que me encantava mais era História. Eu acho que muito em função desse professor de História formado em Ciências Sociais que fui buscar o curso.

Também tive um professor de Geografia formado em Ciências Sociais. Eu me lembro que fui na FFLCH da USP, procurei o programa do curso, conversei com outras pessoas e daí decidi fazer Ciências Sociais. Cheguei à conclusão que na verdade as coisas que me encantavam mais na História eram também as questões culturais, então prestei Ciências Sociais. Enquanto estava na faculdade, sempre tive certeza que eu tinha feito a escolha certa. Era o que me encantava e dava prazer!

Como e em que momento o estudo sobre esportes, e mais especificamente o futebol, despertou o seu interesse enquanto possível tema de pesquisa?

Eu tinha um encantamento pelo futebol, antes da faculdade, então desde criança eu tinha uma história de vida meio que vinculada aos esportes. Eles faziam parte da minha vida de alguma forma. Teve um processo também para entender que eu podia transformar o futebol num objeto de pesquisa.

O meu pai era muito ligado a esportes. Ele foi jogador amador de um clube de várzea e a atividade à qual ele se dedicou com mais intensidade foi a corrida, participava de corridas de longa distância. Foi atleta do Atlético Ipiranga, onde ele se aplicou mais. Meu pai tinha uma paixão pelos esportes tão grande que aquilo

transbordava. Dentro de casa, vendo ele acompanhar alguma transmissão pela televisão ou rádio, não tinha como não se “contaminar” por aquilo (risos), era uma paixão muito grande, então sempre acompanhava as corridas com ele, sempre que tinha provas.

O futebol eu acompanhava pela TV. Me lembro dele vendo transmissões pela TV, uma coisa marcante assim para mim de entender o que era o futebol foi a copa do mundo de 1970. Eu tinha 7 anos e aí tinha todo um envolvimento das pessoas, dos meus vizinhos, da escola, um fato marcante e depois disso fui acompanhando outras copas.

Quando eu tinha uns treze, quatorze anos, mais ou menos, é que eu comecei a acompanhar mais, lia jornal, pela televisão, me envolvi com isso. A partir desse meu interesse é que meu pai também acabou se mobilizando mais para acompanhar jogos em estádio, porque ele não ia muito, fazia isso quando era mais jovem, depois deixou de fazer. Como eu demonstrava muito interesse, ele começou a ir. Íamos toda semana. Tinha uma paixão por futebol. Eu falava para ele que queria ser repórter de campo, ele dizia: “é legal ser jornalista, ser repórter de campo, mas você não vai poder entrar no vestiário porque é mulher. Se você quiser ser jornalista é legal, aí já não sei” (risos). Naquela época os repórteres entravam nos vestiários e entrevistavam os jogadores enquanto tomavam banho.

Na faculdade, quando eu estava no fim do curso, trabalhei como auxiliar de pesquisa em um projeto do Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU) do Departamento de Sociologia da USP. Era uma pesquisa sobre educação na Primeira República. Era um projeto que fazia parte de um projeto maior, envolvendo outros pesquisadores, financiado pela Finep. E lá no CERU conheci a Olga Von Simson, que é socióloga também. Naquela época, ela estava fazendo uma pesquisa grande sobre o carnaval em São Paulo. Ela ia entrevistar aquela velha guarda do samba paulistano, fazia tudo aquilo com muito envolvimento e eu via aquilo e pensava que ela estava trabalhando com a cultura popular, então eu pensava que podia trabalhar com o futebol também. Isso foi nos anos 1980, quando as Ciências Sociais ainda eram muito sisudas, não tinha muita abertura para esses estudos, mas eu me inspirava na Olga, que fazia um trabalho tão bacana e sério com esse tema de cultura popular. “Acho que posso falar sobre esportes também”, pensei. Nessas, fui falando com ela e com a Zeila Demartini, que acompanhava meu trabalho, com quem eu trabalhava mais diretamente, e elas foram me incentivando a trabalhar com isso na pós-graduação, e fui ganhando

confiança. Na verdade, eu não tinha outros modelos a seguir, pelo menos não naquele momento, não conhecia ninguém que tivesse feito algum trabalho nesse campo, foi daí que eu me entusiasmei para pensar sobre aquela parte lá da adolescência e assim ficou meu tema de mestrado.

Quais foram as suas principais referências sociológicas ou antropológicas nos estudos iniciais sobre a temática esportiva?

Conheci os trabalhos do Roberto DaMatta que já tinha alguma reflexão sobre o futebol, daí fui buscando essas referências; conheci o trabalho do Ronaldo Helal, que foi publicado naquela Coleção Primeiros Passos da Editora Brasiliense, que chamava: “O que é sociologia do esporte”; li o Johan Huizinga, relacionado ao lúdico e ao lazer. E quando eu resolvi entrar mesmo nessa temática do futebol, aí eu fui buscar estudos que já tinham sido feitos anteriormente, e aí encontrei os trabalhos do Ricardo Benzaquen de Araújo e da Simoni Guedes no Museu Nacional. Fui até o Museu em busca dos exemplares das dissertações; o que mais me inspirou foi o da Simoni Guedes, porque era um trabalho mais estruturado, que ela já tinha defendido no final da década de 1970, e me serviu de referência naquele momento.

Tinha também outra dificuldade. Eu tinha muito apoio por parte dos professores na faculdade, mas eram pessoas que trabalhavam em outras áreas, então elas também tinham dificuldade em introduzir reflexões mais dirigidas para esse tema. Mas hoje eu fico pensando que, mais do que referências teóricas de trabalhos naquele momento, foi importante o apoio que recebi dessas pessoas, sabe?

Então desde o CERU, que eu nem tinha concluído a graduação, eu destaco em especial o apoio que eu recebi da Olga e da Zeila, que me incentivavam muito. E depois, quando eu entrei no mestrado mesmo, o apoio da professora Heloísa Fernandes, que depois se tornou a minha orientadora, acreditou nesse trabalho e ajudou muito. Depois, no exame de qualificação, quem estava na banca eram as professoras Maria Célia Paoli e Elisabeth Souza-Lobo. As duas trabalhavam com a linha da sociologia do trabalho e também me incentivaram muito. Hoje eu fico pensando que mesmo não tendo muito apoio em trabalhos anteriores, tenho impressão de que eu caminhava um pouco no escuro, mas eu tinha o apoio desses professores, que eram todas mulheres, que

falavam que não conheciam o futebol, mas elas achavam que era importante eu abrir esse caminho nesse campo.

Naquela época, eu acho que ninguém na universidade falava muito sobre futebol, era um assunto meio secundário, abandonado, porque a preocupação estava em outras coisas. Não podemos também deixar de lembrar que era o período da Ditadura Militar. Eu comecei o mestrado em 1987, já num período de transição, de redemocratização, então naquele período as pessoas estavam mais preocupadas com temas mais “sérios” do que futebol. Mas os professores nunca se fecharam em relação a esse tema, tanto que eu o levei para a minha entrevista de admissão no mestrado e foi aceito tranquilamente. Mas tinha um ranço ainda até entre os colegas, então me deparava com algumas dificuldades no caminho.

Também teve uma mudança de rumo já durante o mestrado, porque o projeto que eu apresentei na seleção era sobre futebol de várzea. Quando eu comecei mesmo a avançar na pesquisa, fui me deparando com dificuldades, até que eu mudei e cheguei no futebol das fábricas.

O futebol foi, durante muito tempo, visto como um esporte majoritariamente masculino. Como foi trabalhar com um tema ainda marcado por fortes questões de gênero?

Eu já estava acostumada com isso, porque desde a minha história lá de adolescente, da minha paixão por futebol, eu já lidava com essas questões, porque quem gostava de futebol eram os homens, quem acompanhava eram os homens. Eu gostava, tinha um monte de mulher que gostava também (risos), mas isso era como a coisa era colocada pra mim, então era uma curiosidade. As pessoas que estavam no meu entorno (minha família, meus primos) viam isso como uma curiosidade. “Nossa! Ela é mulher, ela conhece, ela tá sabendo”, e daí eu ia estudar, então tinha uma “fome” assim para saber tudo, ia buscar sobre quem tinha jogado com quem, os jogadores do passado.

Isso era visto como curiosidade e eu não sentia como agressivo. Mas tinham algumas coisas que eram interditadas, por exemplo: eu queria ser repórter de campo (porque eu queria me jogar naquilo, entrar de cabeça), e a entrada que eu via era por aí, mas era interditado, “ah, você não pode entrar no vestiário e não vai conseguir realizar o seu trabalho”.

Era um pouco por aí sabe? Eu sentia isso. Eu também não me interessei por jogar, não foi uma coisa que me ensinaram desde criança, não era uma coisa que estava no meu universo de possibilidades, era um interesse pessoal de acompanhar. E aí depois na universidade sempre teve isso, despertava uma curiosidade, “nossa! uma mulher querendo pesquisar sobre isso, que curioso”, então tinha um pouco disso, da curiosidade. Eu sentia muito por aí. Mas me deparei com algumas interdições mais pesadas, quando eu fui pesquisar em Santa Rosa de Viterbo, pesquisar a Associação Atlética Amália (nem me lembro exatamente o nome), fui para a fazenda Amália e todo mundo me olhava meio atravessado. Ninguém me impediu de ter acesso aos documentos, me abriram, eu estava com uma carta do Departamento de Sociologia, fui com o meu marido, naquela época eu já era casada, ele me acompanhou e ajudou a fazer os levantamentos, mas eu notava que o tempo todo ficavam me olhando. Depois, quando fui na Federação Paulista de Futebol, isso antes mesmo de ter definido o meu tema, quando eu pensava em trabalhar com futebol de várzea, fui lá perguntar sobre os acervos. Eles tinham um controle e registro sobre os clubes da várzea. Fui querendo saber se eu podia consultar, não sabia direito o que eu ia fazer com aquilo, só saber mesmo onde eles estavam e se eu podia ter acesso de alguma forma. Nesse dia cheguei perguntando, ninguém sabia direito me responder, os funcionários que trabalhavam com isso não sabiam também, aí falavam “aguarda um pouquinho”, perguntava pra outra pessoa, e mais outra...

Até que me mandaram conversar com o presidente da Federação, era o Eduardo José Farah na época e ele me olhou (eu devia ter uns 26 anos, era bem menina), cheguei perguntando (risos), mas ele olhando, perguntando o que tinha ido fazer, falei que era para pesquisa de mestrado, ele me informou que esses arquivos não existiam mais, tinham sido doados, foram jogados fora, porque eles não faziam mais o controle da várzea, muitos clubes tinha desaparecido, a cidade cresceu e mudaram os campeonatos e a forma de controlar. Ninguém tinha coragem de falar. Aí me levaram até o presidente e ele falou isso para mim, que ele tinha doado o acervo para uma campanha de papel feita pelo Hospital do Câncer, uma história absurda... Depois nunca mais voltei para conferir o que eles têm ainda sobre isso, mas enfim. Tinha todo esse estranhamento! Assim foi também em outros locais. Era mais nesse sentido de estranhamento e daqueles olhares de “rastreio”, aquele olhar de que ninguém te diz nada diretamente, mas está sendo

observada, olha para o seu corpo também. Essa foi a minha trajetória, o que eu enfrentei.

A sua dissertação, defendida em 1992, tem como objeto de estudo o futebol de fábrica em São Paulo na primeira metade do século XX. Quais razões para a escolha desse tema e desse recorte histórico?

Quando eu cheguei no mestrado, a minha proposta de trabalho era o futebol de várzea que, naquele momento, na segunda metade dos anos 1980, tinha sofrido muito aqui na cidade de São Paulo por conta do crescimento demográfico, da perda de campos, o espaço já estava reduzido. A minha ideia era trabalhar com a perspectiva histórica do desenvolvimento desses clubes, de como essa prática se desenvolveu e cresceu na cidade, era um pouco por aí. Só que à medida que eu fui avançando na pesquisa, fui me deparando com essas dificuldades, por exemplo, a ida frustrada na federação. Na verdade, teria o que pesquisar em jornais. Na época, você fazer pesquisas assim exigia grande fôlego e, como eu trabalhava e tinha aquela vivência no CERU, eu trabalhava com história oral e pensava muito em mexer com essa perspectiva também, queria entrevistar pessoas. Minha orientadora sugeriu que eu conversasse com um professor que tinha publicado um trabalho sobre futebol, achava que seria importante falar com ele; que me disse: “desista, a várzea não existe mais, ela desapareceu”. Eu fiquei muito chateada com essa fala e com raiva também, porque ele me desestimulou. Essa foi a fala que causou mais impacto na minha trajetória, no campo da interdição parecia que aquilo não era pra mim! Mas enfim.... Continuei.

Nesse momento também eu fazia uma disciplina no mestrado com a professora Elisabeth Lobo, sobre sociologia do trabalho, e a avaliação da disciplina seria um paper que a gente faria dentro do nosso tema de pesquisa, daquilo que cada um estava pesquisando, mas com o apoio da bibliografia que ela tinha trabalhado. E eu já tinha visto uma publicação da antiga Eletropaulo (sucessora da Light aqui em São Paulo), a companhia de energia elétrica, e eles mantinham um departamento de patrimônio histórico e publicavam a revista, e nela eles tinham publicado uma matéria sobre o futebol dos funcionários da Light. Essa ideia do futebol nas fábricas, nas indústrias, não estava colocada para mim. Então, para fazer esse trabalho da professora Elisabeth, eu fui até esse departamento de patrimônio histórico da Eletropaulo, hoje ele é mantido no Museu da Energia em São Paulo, e comecei a consultar os relatórios que eles tinham

dos clubes. Aquilo me abriu um horizonte infinito e eu achei que seria muito mais legal pensar nessas relações, como o futebol ficava ali como um intermediário entre empregados e empregadores nessa época. Foi por aí que eu migrei totalmente da várzea para as fábricas. Fui entendendo que tinha todo um conjunto, os campeonatos, as ligas, associações, então eu mergulhei nesse tema.

O que o futebol de fábrica revela sobre o processo de popularização do futebol em São Paulo e no Brasil de forma geral?

O futebol de fábrica mostra a importância que esse esporte ganhou na cidade muito rapidamente, tanto que ele foi “abraçado”, digamos assim, pelos industriais, que enxergaram nisso todo um potencial de divulgação da sua marca/produto, e hoje a gente tem um financiamento do esporte, patrocínio, acho que foi um momento inicial disso tudo. O futebol já estava presente na vida dos trabalhadores, seja por esses clubes de vizinhança e amadores da várzea, então eles pedem apoio para as empresas ou tem empresa que decidem apoiar mais e acaba interferindo nessa atividade dos empregados, de formas variadas.

Foi muito importante também para o desenvolvimento desse esporte em São Paulo nesse período. Funcionou como um espaço para revelar talentos. A maior parte dos talentos saía da várzea mesmo, mas as fábricas também tinham jogadores que foram para o futebol profissional, e tinha o contrário também. Nesse sentido, o futebol das fábricas foi importante porque acolhia também ex-futebolistas, profissionais aposentados que iam desempenhar algum papel nesses clubes.

Em suas pesquisas foram levantadas questões sociais sobre como o futebol dentro de clubes (como está citado em um de seus artigos) fazia com que os jogadores socializassem além do campo e interagissem entre si. Como você enxerga o futebol através do conceito sociológico de estratificação social? Ele é capaz de diminuir o antagonismo entre classes?

Então. É uma pergunta complexa (risos). Enquanto língua franca, sim, é como se fosse um idioma que é acessível a todas as classes sociais, todo mundo domina e está a aberto a todos. Mas sabemos que a coisa não é bem assim. Ele não abre portas para todos. Aí a gente pode se reportar aos casos de jogadores que ascenderam socialmente a partir do futebol, como o Neymar, por exemplo. As grandes estrelas têm mais destaque,

mas se você considerar essas estrelas, são 1% dos jogadores profissionais do total que atua no país inteiro, porque a gente sabe que a maioria ganha pouco (um salário mínimo). Essa possibilidade de ascensão social ou de mudanças não está muito posta para eles, mas sim para aqueles que conseguem algum destaque e conseguem fazer um pé de meia e se dedicar a outra atividade depois da saída do futebol. Temos muitos exemplos nesse sentido, de ex-profissionais que conseguiram ascender a outras camadas sociais, mas não é regra. Muitos se dedicam ao futebol como uma atividade paralela e não exclusiva, então o rendimento por meio dela não permite que ele viva só disso, como eu citei nas fábricas.

Na pesquisa de doutorado, você continuou pesquisando futebol, porém com outro enfoque, dedicado a pensar as relações entre futebol, literatura e sociedade, principalmente a partir das obras de Mário Filho, José Lins do Rego e Nelson Rodrigues. Como foi o processo de delimitação de um novo recorte de pesquisa?

No doutorado eu quis deixar fluir um outro lado meu, uma outra paixão, a literatura com o futebol. Eu pensava nisso, mas não sabia como resolver, tanto que de novo eu mudei meu tema. Entrei no doutorado com a proposta de trabalho sobre torcidas organizadas e a questão da violência, mas à medida que eu fui me aprofundando um pouco mais na pesquisa aquilo foi me desencantando. Eu precisava ter algum envolvimento emocional maior, com alguma curiosidade, e esse tema foi me desinteressando. Na mesma época apareceram as publicações do Nelson Rodrigues sobre futebol, saíram duas coletâneas organizadas pelo Ruy Castro e pensei “isso aqui é emocionante”, a forma como ele escrevia, muito apaixonado e exagerado, por aqui eu tenho um caminho, então resolvi trabalhar com as crônicas dele. Eu já conhecia alguns trabalhos do José Lins do Rego, procurei comparar essas crônicas, entender como cada um analisa, vê e enxerga o futebol como um elemento de identidade nacional, coisa que já está tão enraizada na cultura que passa a ser um motivo de distinção.

Fui buscando outras crônicas, daí senti que dava certo. O recorte dessa discussão vinha mais à tona naqueles períodos de copa do mundo, estavam discutindo sobre o caráter nacional e identidade a partir da seleção brasileira de futebol, estavam discutindo sobre isso em vários momentos, mas eu selecionei esses períodos de copa do mundo quando a discussão tinha mais destaque. E também estava muito colada num determinado período histórico, pós-Segunda Guerra Mundial, o Brasil com uma

preocupação de crescimento e desenvolvimento industrial, de encontrar uma posição no mundo. Queria entender o papel que o futebol desempenhou nesse momento.

Foi muito gostoso fazer tudo isso, porque eu juntava esse meu interesse por literatura e futebol. Cheguei a cursar Letras também, quando eu fazia Ciências Sociais, mas eu me dedicava mais às Ciências Sociais. Chegou um momento em que eu não dava mais conta de conciliar os dois cursos, acabei desistindo das Letras e não me formei, mas eu tinha esse interesse e gosto. Então esse momento do doutorado foi onde eu consegui juntar esses dois temas que me interessavam.

Muitas vezes, fala-se do Brasil como o “país do futebol”. Como a discussão mobilizada ao longo do século XX nos ajuda a compreender o papel do futebol nos projetos de formação de uma identidade nacional ou de um nacionalismo brasileiro?

O futebol foi tomado como um fator importante em vários momentos. Tem o período JK, quando o futebol desempenhou um papel relevante. Era um governo democrático. O sucesso do futebol oferecia confiança para o Brasil se afirmar. Era um país com muitos problemas e essa associação com o futebol foi importante naquele momento. Depois tem o período da Ditadura, com um nacionalismo forte, quando o futebol é encarado como um fator muito único do brasileiro, e, no momento em que você quer ressaltar esse nacionalismo, o futebol caía como uma luva, mas cheio de muitos conflitos. Depois ele segue no período de redemocratização, que também é importante, mas já com a seleção brasileira sofrendo em muitos momentos. Estavam exigindo mais dela, se esperava muito do futebol, como na copa de 1994.

Hoje, quando a gente olha para trás, vemos como o Brasil mudou muito. Quando comparamos o período da redemocratização e dos insucessos que a seleção brasileira teve, com todo aquele sucesso anterior nos períodos JK, da Ditadura. Não se tinha outros esportes com a mesma projeção que o futebol, parece que a única coisa que dava certo era o futebol (risos), aí depois foi mudando. Teve o período Ayrton Senna. É difícil entender como uma pessoa podia mobilizar tanto as atenções, mas acho que é porque não tínhamos destaque em outras coisas. O futebol promoveu muito um nacionalismo.

Hoje o esporte cresceu, com tantas modalidades em que o país tem sucesso e, ao mesmo tempo, o futebol foi perdendo um pouco dessa importância. Eu entendo que o futebol hoje já não tem mais a mesma importância que teve no passado, em termos de mobilização, atenção, essa questão de identidade.

A Copa do Mundo e a seleção brasileira aparecem com destaque em seu estudo, tanto nas derrotas quanto nas vitórias daquelas décadas, de 1950 a 1970. O torcer pela seleção e a realização da Copa do Mundo já não são mais vividos pela população brasileira com a mesma intensidade que em períodos anteriores?

Entendo que não tem mais o mesmo envolvimento, como disse anteriormente. Durante a copa do mundo tem ainda uma mobilização, mas ela já perdeu em relação ao que foi há tempos atrás. Eu entendo também que outros esportes cativam a atenção e fazem sucesso, o país mudou, a democracia e as instituições se fortaleceram, apesar de toda a discussão que a gente tem de que essas instituições são frágeis. Tinha muito disso, do complexo de vira-lata, uma coisa que sempre vinha à tona, do Brasil, de se sentir menor. Eu acho que a discussão se ampliou, temos caminhado para outras, isso já não faz muito sentido hoje, mas entendo que de alguma forma foi importante naquele período.

Além da academia, como pesquisar o futebol influenciou na sua trajetória profissional, principalmente em sua atuação no Departamento de Patrimônio Histórico da Prefeitura Municipal da São Paulo?

Eu trabalho na prefeitura desde 1991. Eu fui pra lá quando estava terminando o meu mestrado. Foi meio por acaso. Prestei um concurso público e passei, não sabia ao certo o que ia encontrar lá, mas esse trabalho foi me encantando, porque estamos lidando diretamente com formulação de políticas públicas. É claro que dá muitas voltas com as trocas de governo, você tem períodos mais produtivos e outros menos, mas o trabalho foi me encantando lá. Quando eu já estava trabalhando na prefeitura, fiz o doutorado pensando em seguir uma outra carreira, mas quando eu terminei o doutorado acabei me envolvendo mais ainda com os trabalhos que eu já desenvolvia na prefeitura. Fui trabalhar no Departamento do Patrimônio Histórico em 1994. Na verdade, os temas do trabalho eram colocados pelo próprio órgão com base nas demandas da cidade, então algumas questões relativas ao futebol chegaram mais nos últimos anos, sempre em

relação a processos de tombamento ou à realização de inventários, sempre ligados ao reconhecimento de bens culturais. Nessa minha trajetória me deparei com processos de tombamento de alguns estádios, como o do Juventus, do Nacional, da Portuguesa, também fiz alguns trabalhos sobre o Pacaembu e, mais recentemente, a gente voltou a trabalhar e pensar as questões da várzea, da importância dela na cidade, a várzea que tinham me dito lá atrás que tinha desaparecido. Ela teve uma queda mesmo, não é mais o que foi na primeira metade do século XX, mas ainda tem um papel muito importante na cidade enquanto forma de lazer e sociabilidade.

Tenho realizado alguns trabalhos nesse sentido, de tombamento e identificação, tem alguns ainda que estão em elaboração. Mas uma coisa é você poder estudar, levantar temas e questões para reflexão, e outra é você ter algum poder em relação à definição de políticas públicas para proteção do futebol como um bem cultural.

É possível afirmar que o futebol, especialmente em suas expressões cotidianas e populares, pode ser entendido como um patrimônio cultural imaterial? Temos exemplos de processos de patrimonialização dessa prática?

Eu acredito que sim, pensando aqui na situação da cidade de São Paulo, em especial, que eu conheço melhor. Entendo que caberia sim pensar futebol como patrimônio imaterial no sentido de uma prática, não como esportiva, mas sim cultural. Ela tem desenvolvimento em determinados lugares e contextos, faz parte de uma rede de pessoas que desenvolvem essa prática, eu entendo que caberia sim um olhar para o futebol de várzea como um patrimônio cultural imaterial.

A gente sabe também que o reconhecimento como um bem imaterial não depende só de uma ação do poder público. Ela tem de partir das pessoas que desenvolvem essa prática, que na linha do patrimônio imaterial chamamos de detentores. São eles que solicitam isso e se apropriam disso, não é uma coisa que acontece de cima para baixo. Quando trabalhamos com o instrumento do tombamento, qualquer cidadão pode solicitar o tombamento de um imóvel ou parque, etc., o próprio poder público pode propor. No caso do registro do patrimônio imaterial, essa vontade, esse interesse, tem que partir dos detentores, porque todas as ações de salvaguarda subsequentes terão que estar associadas à comunidade de detentores dessa prática. São eles que vão dizer que tipo de apoio precisam receber para que a prática continue

existindo no tempo. O Departamento não recebeu nenhum pedido expresso, mas eu entendo que caberia sim reconhecimento.

Um outro ponto que caberia reconhecer, sim, e é caro para essa questão da várzea, de entender o futebol como um bem cultural, são os acervos gerados pela várzea. São muito importantes enquanto referências de identidade. Precisamos pensar e refletir sobre como proteger esse tipo de acervo. Isso ainda precisa caminhar mais.

Em sua percepção, quais são os principais desafios para quem, atualmente, inicia seus estudos ou pretende realizar pesquisas sobre o futebol na área das Ciências Sociais?

Eu acredito que hoje o tema já está mais consolidado. Aquele estranhamento que eu mencionei já não se tem mais. Não sei se posso dizer que já temos um campo de pesquisa consolidado, mas esses estudos sobre esportes e futebol já têm uma entrada mais facilitada. Acredito que hoje ninguém mais vai passar por aquele estranhamento do passado, essas coisas são vistas de outra forma, sinal de que nesse período os estudos cresceram bastante e se desenvolveram. Hoje, temos nas universidades professores trabalhando com isso. Meus professores lá atrás não trabalhavam com isso, os temas eram outros. Atualmente, nas ciências sociais, existem professores que trabalham com isso há bastante tempo, formam alunos desde a iniciação científica. Esse campo cresceu bastante, está mais amadurecido.

Um exemplo bacana é o INCT (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro), que reúne pesquisadores do Brasil inteiro que trabalham com questões do futebol. Hoje tem gente do país todo trabalhando e refletindo sobre essas questões, agrupados num instituto, o que mostra a dimensão do amadurecimento dos estudos sobre futebol. Outro espaço é o Museu do Futebol, localizado aqui em São Paulo, uma instituição muito forte que trouxe e promoveu discussões importantes sobre futebol, também introduzindo o futebol de mulheres, dando uma outra dimensão para isso tudo. O Museu contribuiu e contribui bastante.

E quais temas você acredita que as pesquisas relacionadas ao universo esportivo poderiam olhar com maior atenção nos próximos anos?

Alguns temas, como a questão da identidade nacional, eu acho que ficaram para trás. Você acompanhava os simpósios e tinha um monte de gente discutindo isso. Hoje já diminuíram. Eu acho que as questões relativas ao trabalho ainda demandam mais pesquisas, inclusive investigando esse tema mais em relação ao passado e, também, como essas relações acontecem hoje, ou seja, a questão do futebol como profissão ainda demanda mais reflexão. Até mesmo as questões de futebol comunitário, tido como amador, que assume características muito diferentes dependendo do contexto em que ele se desenvolve, essa linha ainda pode crescer bastante. Mas eu sinto mais falta mesmo é em relação às questões de profissão, buscando entender como as relações de trabalho se desenvolveram lá no passado, e ainda hoje, isso é pouco explorado.

Por fim, o fato de estudar futebol mudou a relação que você tinha com o tema antes de começar a realizar as pesquisas? Pesquisar abalou, de alguma forma, o seu “torcer”?

Eu acho que não. Com o passar do tempo, não pelo fato da gente ter estudado, mas a gente vai encarando as coisas de outra forma também. Hoje eu não sou uma torcedora tão fanática quanto já fui, tenho outros interesses também, mas claro que ao estudar você enxerga o futebol de uma outra perspectiva, sabe de todos os interesses que estão envolvidos.

O fato de ter estudado futebol não abala o meu jeito de torcer (risos), o que eu acho que abala é o tempo e a forma como hoje, já mais velha, enxergo isso tudo. Coloco o interesse em outras coisas também, não só no futebol; também não tenho mais o mesmo tempo e a disposição de tempos atrás, o tempo que eu tenho faço isso profissionalmente. Mas, no fundo, eu sinto falta, porque tem uma energia ali, uma emoção. Apesar de tudo que a gente sabe que envolve o futebol, tem uma vibração boa de acompanhar um jogo. Assistir a uma partida ainda é muito apaixonante. Estudar não abalou isso.

Referências

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. *O futebol nas fábricas*. Revista USP, n. 22, p. 102-109, 1994.

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. *Com brasileiro, não há quem possa! Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. Editora Unesp, 2004.

ANTUNES, Fátima. *O futebol na Light & Power de São Paulo*. Pesquisa de Campo, v. 3, p. 51-64, 1996.

BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. *Do complexo de vira-latas ao homem genial: o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira*. 2011.